

PANDEMIA E ENSINO: METAMORFOSES DO EDUCAR

*Alex Sander da Silva**, *Guilherme Orestes Canarim***,
*Silvana Mazzuquello Teixeira****

RESUMO

Este trabalho trata das metamorfoses da docência no contexto de pandemia. Com o auxílio e o suporte de alguns autores, como Boaventura de Sousa Santos, Theodor Adorno, Slavoj Zizek, entre outros, procuramos elaborar uma análise, em formato ensaístico, de alguns aspectos das transformações no ensino e aprendizagem no contexto atual de pandemia de crise sanitária e global. Utilizando a abordagem da pesquisa bibliográfica integrativa, articulamos alguns autores, textos e conceitos em torno do tema da nossa investigação. Tratamos da seguinte questão: qual ou quais são as implicações das transformações trazidas pela pandemia da covid-19 em relação ao ensino e aprendizagem especialmente no que diz respeito aos aspectos do alcance virtual dessas transformações? Nesse sentido, nosso objetivo é buscar compreender alguns aspectos dos desdobramentos na relação do educar (ou do ensinar) a pandemia, em especial, nos desafios impostos neste novo momento em contexto pandêmico.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino superior. Metamorfoses. Docência.

PANDEMIC AND TEACHING: METAMORPHOSIS OF EDUCATING

ABSTRACT

In this paper, we are dealing with the metamorphosis of teaching, in the pandemic context. With the help and support of some authors like Boaventura de Sousa Santos, Theodor Adorno, Slavoj Zizek, we try to elaborate an essayistic analysis, of some aspects of the transformations in teaching and learning in this current context of pandemic of health and global crisis. Using the integrative bibliographical research

* Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Formação Cultural e Sociedade. ORCID: 0000-0002-0945-9075. Correio eletrônico: alexsanders@unesc.net

** Graduando do Curso de Filosofia/licenciatura do Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Bolsista CNPq. ORCID: 0000-0002-9021-9799. Correio eletrônico: gocanarim@gmail.com

*** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Bolsista CAPES. ORCID: 0000-0002-1243-4266. Correio eletrônico: silvanamazzuquello6@gmail.com

approach, we articulated some authors, texts, and concepts around the theme of our investigation. We address the following question: what or what are the implications of the transformations brought about by the covid-19 pandemic in relation to teaching and learning especially regarding the aspects of the virtual reach of these transformations? In this sense, our goal in this brief is to seek to understand some aspects of the unfoldings in the relationship of educating (or teaching) the pandemic, especially in the challenges imposed in this new moment in pandemic context.

Keywords: *Pandemic. Higher education. Metamorphosis. Teaching.*

PANDEMIA Y ENSEÑANZA: METAMORFOSIS DE LA EDUCACIÓN

RESUMEN

Este artículo trata de la metamorfosis de la enseñanza, especialmente en el contexto de la pandemia. Con la ayuda de algunos autores como Boaventura de Sousa Santos, Theodor Adorno, Slavoj Žižek entre otros, intentamos elaborar un análisis, en formato de ensayo, de algunos aspectos de las transformaciones en la enseñanza y el aprendizaje en este contexto actual de pandemia de salud y crisis global. Utilizando el enfoque de investigación bibliográfica integradora, articulamos algunos autores, textos y conceptos en torno al tema de nuestra investigación. Abordamos la siguiente cuestión: ¿qué o cuáles son las implicaciones de las transformaciones provocadas por la pandemia del covid-19 en relación con la enseñanza y el aprendizaje, especialmente en lo que respecta a los aspectos del alcance virtual de estas transformaciones? En este sentido, nuestro objetivo en este escrito es tratar de comprender algunos aspectos de los desdoblamientos en la relación de educar (o enseñar) la pandemia, especialmente en los desafíos impuestos en este nuevo momento en el contexto pandémico.

Palabras clave: *Pandemia. Educación superior. Metamorfosis. Enseñanza.*

1 INTRODUÇÃO

A temática acerca da educação em tempos de pandemia tem ganhado repercussão no atual momento em que vivemos, pois estamos experienciando alterações, modificações, problemas e possibilidades da educação em âmbito virtual nas práticas educativas impostas por essa nova realidade. Falar de educação, em especial, no contexto contemporâneo significa falar do que é o provável último bastião de resistência numa sociedade consumida pelo idealismo de direita.

Isso significa, entre outras coisas, tentar resistir diante da precarização do esvaziamento e da violência contra os sentidos possíveis dos modos de ser e estar no mundo e da própria sobrevivência da espécie humana. Logo, este trabalho tem relevância acadêmica, política e social, visto que visa refletir o atual cenário, olhando para os sujeitos docentes, dispostos nos espaços educativos, apontando

as problemáticas e possibilidades da educação, bem como fazendo, paralelamente, uma metáfora à obra “*Metamorfose*”, do autor Franz Kafka, para relacionar os sonhos e despertares da área educacional e da vida dos profissionais inseridos nela, em contexto pandêmico.

Dessa forma, o assunto da nossa pesquisa é a própria condição do ensino nesse contexto de pandemia. Nessa exposição pretendemos principalmente compreender alguns dos aspectos relativos às transformações do ensino no contexto da pandemia. No âmbito desse trabalho, a questão central que nós estamos tentando elaborar é a seguinte: qual ou quais são as implicações das transformações trazidas pela pandemia da covid-19 em relação ao ensino e aprendizagem especialmente no que diz respeito aos aspectos do alcance virtual dessas transformações? Partimos da perspectiva de que nem todas as mudanças ou transformações são necessariamente negativas, embora claramente alguns elementos das estruturas que dão as condições de possibilidade do ensino de qualidade estejam em crise e estejam ficando cada vez mais fragilizados, em especial no que diz respeito aos laços de trabalho dos professores e outros profissionais ligados à comunidade de educação. Pensamos que existem sim possibilidades de transformação no sentido da resistência e da construção de novos e melhores contextos de ensino utilizando essas transformações a nosso favor.

Para desenvolvermos essa elaboração, utilizamos, na pesquisa bibliográfica, a abordagem integrativa, que, por sua flexibilidade, permite-nos articular vários autores, textos, conceitos e categorias de modo mais abrangente, sem perder o rigor teórico. Pela própria natureza deste trabalho, consideramos então essa metodologia como a mais adequada.

No âmbito deste trabalho, entendemos que, embora haja grandes possibilidades, e que o contexto da pandemia não fez muito mais que agravar as condições já precárias do ensino do sistema e do ensino em geral, o desafio que fica é pensarmos as possibilidades de ação no âmbito da resistência do campo educativo na sociedade contemporânea.

Elaboramos este texto de modo ensaístico nos centrando na metáfora da “*metamorfose*” kafkiana. Assim, ele terá apenas um bloco central, no qual vamos concentrar a revisão, fundamentação e análises dialeticamente intercaladas. Pensamos em elaborar uma cena, partindo de um recorte da primeira cena do livro *A metamorfose*, de Kafka. Essa nossa cena será composta por três atos, cada ato contendo aspectos descritivos, analíticos e críticos do contexto do ensino, no âmbito da pandemia, bem como alguns desafios e possibilidades que vislumbramos emergindo nesse cenário. Os três atos são estes: sonho intranquilo, o susto do acordar e o perceber-se metamorfoseado.

2 CENA I, ATO I - METAMORFOSES DA VIRTUALIDADE: UM SONHO INTRANQUILO?

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.”
(KAFKA, 1997, p. 6).

Para não irmos muito longe no passado, digamos apenas que, ao fim de uma noite de pelo menos 30 anos, ainda sonhávamos. Alguns, reféns de fantasias in-

fantis de cujas forças reacionárias retiravam seus prazeres secretos. Outros, suavemente embalados, como crianças bem nascidas.

Embora o neoliberalismo tenha o seu lugar no nosso horizonte contemporâneo, os germes das suas ações e desenvolvimentos têm estado latentes na nossa sociedade há muito tempo. Em relação ao sistema de ensino, especialmente com relação aos professores e suas atribuições (seu papel ambíguo e potencialmente transformador), o contexto atual não fez muito mais do que contribuir para um processo contínuo e consistente de precarização, empobrecimento e indigência intelectual. O maior crédito da pandemia talvez tenha sido escancarar as nossas veias abertas, mostrar as feridas e destacar o caráter global do colapso de um sistema doente.

Afora isso, a questão é que, em vez de abraçarmos a possibilidade de experimentarmos novas formas do processo de aprendizagem, teimamos cada vez mais em procurar formas de reintroduzir os velhos esquemas pedagógicos por meio das novas plataformas e meios virtuais. Nesse sentido, a maior mudança necessária talvez não venha apenas dos estudantes, mas dos professores. Queremos dizer, um dos maiores gargalos de aprendizagem para quem se envolve com o ensino é a lógica instrumentalista (ou instrumentalizada) da profissionalização.

Nesse sentido, assim como “[...] os grandiosos gestos de Hitler de desprezar a autocomplacência da burguesia etc. acabaram permitindo que essa complacência sobrevivesse [...]” (ZIZEK, 2013, p. 537), de modo similar, o que hoje acontece é apenas um grande espetáculo que, no fundo, não passa de um sonho que mantém essa autocomplacência da burguesia e reforça o fisiologismo político (em especial no Brasil) em todos os campos e instituições sociais.

Seguindo essa lógica, é importante destacar que, obviamente no nosso caso (Brasil), existem muitos fatores de nível básico no contexto da função e da importância social das instituições de ensino, ou seja, como uma das instituições sociais responsáveis pela manutenção do estado de coisas, ela tem um caráter regressivo que nem sempre fica em latência, e em muitos casos é o centro dos seus efeitos na sociedade. Porém, nessa posição, de manutenção, ela também é um modo de as infraestruturas chegarem às periferias, de onde o sistema retira parte dos seus nutrientes e recursos humanos.

Dessa forma, dialeticamente, as instituições de ensino, assim como os professores, têm uma posição ambígua; ao mesmo tempo, tem um grande potencial de transformação, um potencial crítico, mas (paradoxalmente) para poder exercer seu potencial, elas dependem de certas estruturas de reprodução que podem corroer a sua capacidade crítica. O nosso desafio, nesse contexto, é ficarmos alerta, encontrarmos meios de nos constituirmos como comunidade de saberes e aprendizagem para nos fortalecermos e resistirmos a este processo que não significa apenas a perda de nossos trabalhos ou empregos, mas, principalmente, a destruição dos nossos modos de vida.

Enquanto essa noite hedionda avançava pelo mundo afora, obscurecia as cabeças dormentes. Trazia, sob a forma das mais variadas e sedutoras ideologias, aberturas econômicas extensas, privatizações, austeridade fiscal, desregulamentação, e o corte de despesas governamentais, de modo a fortalecer o papel do setor privado na economia. Vinha com ela, debaixo dessa sombra, toda sorte de ideias subterrâneas e obscuras.

Nesse contexto, treinados para vivenciar a educação como um processo industrial como qualquer outro, os professores são duplamente atingidos – por um lado, as dinâmicas da práxis pedagógica inerentes ao sistema de ensino e suas limitações; por outro, a formação precária que, para dizer pouco, estralça o espírito crítico, toda forma de curiosidade e qualquer ímpeto epistêmico autônomo por meio de infinitas fragmentações dos saberes e por um contínuo empanzinamento de novidades insípidas. Esse contínuo de sempre novos teóricos da moda que regurgitam infinitamente comentários dos comentários e exegéticas hermenêuticas, que, além de não terem lugar fora da sua própria justificação pobremente arrazoada, não levam realmente a lugar nenhum. Tudo isso só contribui para uma pseudoelitização do acesso ao conhecimento e reforça o anti-intelectualismo socialmente latente, mantendo uma lógica de subserviência e subdesenvolvimento.

Se muitos de nós ainda desejamos que tudo isso seja apenas um pesadelo, às vezes a realidade mostra-se muito pior que a ficção. *Grosso modo*, o que queremos dizer é que, embora pensemos que o sonho nos diga algo sobre nossa realidade, como desejos reprimidos e impossibilidades, riscos imaginados ou anseios, muitas vezes ocorre o oposto, isto é, acordamos para não continuar sonhando. Segundo Zizek (2017, p. 73),

Isto nos leva a mais uma complicação vital: se o que experimentamos como “realidade” é estruturado pela fantasia, e se a fantasia serve como o crivo que nos protege, impedindo que sejamos diretamente esmagados pelo real cru, então a própria realidade pode funcionar como uma fuga de um encontro com o real. Na oposição entre sonho e realidade, a fantasia está do lado da realidade, e é em sonhos que nos defrontamos com o real traumático – não é que os sonhos sejam para aqueles que não conseguem suportar a realidade, a própria realidade é para aqueles que não conseguem suportar (o real que se anuncia em) seus sonhos.

A essa fuga, em toda a sua ambiguidade, damos o nome de ideologia. Ambos os lados dessa lógica contêm constelativamente elementos ou fragmentos do veritativo, a utopia como projeção e a ignomínia como distorção. Nesse sentido, onde as coisas podem se desnudar e aparecer em seu para si, é também o lugar onde o insondável (que até então parecia impossível ou utópico) pode evidenciar-se enquanto realidade.

A questão é que aquilo que persiste sub-repticiamente, e só pode vir à superfície escamoteado, e o conteúdo do que se metamorfoseia e troca de peles têm um ponto de encontro. Embora em certos espectros esse ponto aparece somente como algo insondável, como limite interno da borda crescente da autoconsciência dos conceitos ou ainda como fantasia, o solo de onde retiram sua nutrição é o mesmo. A ideologia é ambígua por sua natureza dialética.

Para o campo da educação, em especial do ensino, desde a perspectiva dos professores, isso pode significar a abertura de uma nova paisagem formativa. Compreender que talvez seja mais interessante reconhecermos não só a gritante realidade da degradação da paisagem institucional, no Brasil e no mundo; mas, sobretudo, perceber o modo como seu núcleo de reprodução social e a formação

subjetiva estão firmemente atados. Isto é, não é novidade que o sistema de ensino moderno tem suas raízes históricas, menos dos ideais que propaga, e nos quais gosta de fingir acreditar, do que nas necessidades concretas de mão de obra e homogeneização do trabalho (ADORNO, 1995).

Inclusive, no século XX esse processo avançou largamente sobre todos os âmbitos da vida social, transformando todas as dimensões da vida humana a partir de lógicas até então aplicadas somente a objetos. Ideias como qualidade, *design* criativo, resolução de problemas, e abordagem por projetos podem ter todos os créditos pedagógicos em relação aos quais já estavam estabelecidos como o fluxo normal da indústria do conhecimento, mas isso nem de longe lhes retira sua natureza de mercadorização e pasteurização das mentalidades.

Segundo Santos (2020, p.17), conforme “[...] o neoliberalismo foi se impondo como a versão dominante do capitalismo [...] o mundo tem vivido em permanente estado de crise.” Como um círculo vicioso, os efeitos da crise fragilizam nossas capacidades de nos regenerarmos e, por consequência, impedem ou dificultam cada vez mais a possibilidade de resistirmos contra esse processo. Essa ferrugem, diga-se de passagem, não atinge apenas os prédios das escolas, institutos federais ou universidade públicas (e até algumas privadas), mas alcança e fragiliza sobretudo os aspectos teóricos, os ideais e as possibilidades conceituais de pensarmos criticamente o mundo e uma formação que nos possibilite a crítica com descolonização e, em especial, neste momento de crise sanitária, um meio para alguma saúde mental possível.

Se para muitos os sinais dos tempos não significavam nada; para outros, a face hipocrática do sintoma já se insinuava há muito no seio do capitalismo, ou seja, assim como no Caravana, quadro de Salvador Dalí, vamos ficando cada vez mais distantes do chão. Nosso contato com a experiência do conhecimento vai ficando cada vez mais restrito às finíssimas patas com as quais tocamos o solo do aprendizado. No que lhe concerne, nesse contexto, elas também têm se tornado cada vez mais finas, o que nos diz que aprender e ensinar na pandemia é algo bárbaro (em muitos aspectos), e isso corrói a própria capacidade de entendermos suas razões de fundo.

Assim, de certa maneira, esses últimos anos de avanço neoliberal pelo mundo não são muito diferentes da história moderna do Ocidente. Nesse sentido, o que existe de propriamente novo nesse contexto da pandemia, é que ela destacou o recrudescimento das políticas de segregação, precarização do trabalho e da vida no mundo todo, especialmente, com relação às periferias do mundo e, mais duramente ainda, sobre os sistemas de ensino. Assim, devemos radicalmente colocar em questão o próprio paradigma do conhecimento que fortalece e legitima essas instituições sociais, que têm como função a reprodução do estado de coisas, embora paradoxalmente também sejam potencialmente ferramentas para a transformação social.

Nesse contexto, a possibilidade da autonomia está em pensar o seguinte: de que modo desatar esse nó? Como lidar com a precarização das condições de ensino, fragilidades do processo de formação e formação continuada e ainda ter em vista as transformações e contingências da pandemia e do neoliberalismo? E ainda o que significa ensinar e ser professor num cenário de múltiplas crises consecutivas?

2.1 Cena I, ato II – O susto do acordar ou o drástico das mudanças no ensino

Os impactos da pandemia estiveram presentes em muitos meios de trabalho. Profissionais do mundo todo tiveram de voltar para casa e enfrentar o *home office*. No âmbito da educação, não foi diferente, senão que talvez tenha sido pior. Durante um ano, escolas e universidades permaneceram fechadas para evitar aglomerações e exposição de pessoas ao novo coronavírus. Dada esta situação, milhares de professores precisaram reinventar suas aulas, de modo a olharem para suas práticas e inová-las.

Os docentes já acostumados com a sala de aula e vivência de ensino presencial tiveram que criar métodos de ensino e usar a tecnologia a seu favor, com as aulas *on-line*. Em meio a esse novo cotidiano, referenciar Hall (2006) faz sentido, sendo que um fenômeno viral acabou por movimentar o que estava “estático”, gerando crises. Uma delas, a crise de identidade para os professores – tanto como profissionais, parte do processo de mudanças que aflige as pessoas e quebra a estabilidade social e trabalhista, quanto como pessoas em contexto pós-moderno e pandêmico. Um novo lugar de ensino tomou espaço, necessitando que professores acordassem para a nova realidade, mas mudanças assustam, da mesma forma que a metamorfose de Gregor Samsa o assustou ao acordar.

Isso nos leva à outra questão. Diferentemente de outros âmbitos ou instituições sociais, a educação tem um potencial transformador praticamente ilimitado. Isso se deve ao fato de que a experiência do conhecimento tem um caráter antipredicativo. Por meio dela, os sujeitos podem perceber sua não identidade como autoconsciência crítica e assim mobilizar suas forças no sentido de uma performatividade e formação subjetiva.

Na academia presencial, em que ainda se aplica o sistema jesuíta de carteiras em filas, tem-se um estranhamento aos ambientes como o *Meet*, por exemplo, em que nem todos os rostos dos discentes ficam aparentes. Os professores e alunos ainda se encontram em adaptação. Docentes começam a construir estratégias para não prejudicar seus alunos, e então a “reinvenção” toma conta do trabalho.

Além do trabalho de reinventar a docência e criar, ou adaptar, métodos de ensino para operar em ambiente virtual, há alguns aspectos relacionados aos professores que precisam de atenção neste tempo em que as salas de aula viraram salas *on-line*: a) acesso à internet e lugar adequado de trabalho; b) capacitação para trabalhar com *sites* e c) avaliar, responder questionamentos, programar e executar atividades virtuais, respeitando e colaborando para a efetivação da atividade-fim.

Masetto (2002) relata que, em âmbito educativo, a inovação requer muito trabalho dos docentes, tendo em vista o ensino e o processo de aprendizagem dos discentes. Logo, os professores devem estar em constante formação, priorizando as metodologias ativas, as quais estimulam os indivíduos e motivam os mesmos, tomando a tecnologia como fonte de aprendizado. Porém, ao olhar para a atual realidade, nota-se que o “reinventar”, muitas vezes, pode ser sufocante ao docente, pois este tem que estar sempre aprimorando sua prática, ainda mais agora, em um tempo totalmente inovador. A angústia e a pressão já ocorrem por conta da situação vivida no momento, em decorrência do risco que a pandemia traz a todos. Essa pressão se multiplica, quando o educador reflete sobre suas metodologias. Será ultrapassada? Será tradicional demais? Afetará o ensino-

-aprendizagem dos alunos? Em tempos de incertezas, surgem os questionamentos e as tentativas de acertos.

Ao acordarem para este novo tempo, professores de todas as áreas, em especial neste trabalho, os universitários, viram-se trabalhando de forma triplicada, ao passo que precisam fazer tudo pelas janelas virtuais. Ao acordarem, e até tarde da noite, ficam expostos aos seus dispositivos para que suas aulas sejam publicadas e as dúvidas de alunos sejam sanadas. Reuniões, salas de aula *on-line*, *lives*, grupos de pesquisa, colegiado, correção de trabalhos, grupos de estudo, cursos *on-line*, lattes a atualizar, seminários, artigos a publicar, alunos - graduandos, mestrandos e doutorandos - a orientar, *WhatsApp* a bipar, e o relógio a girar mais rápido.

Com todas essas mudanças e transtornos remotos, a identidade pessoal do educador vai se perdendo gradualmente, ainda seguindo os estudos de Stuart Hall, pois tudo que era íntimo e pessoal, agora se torna instrumento de ensino - de trabalho. Torna-se fragmentado. *Instagram* e *Facebook* como fontes de avisos, *WhatsApp* como porta para explicações, independentemente de hora ou dia. Finais de semana, madrugada, almoço, lazer: tudo ligado à profissão.

Nesse cenário, ainda cabe perguntar: ser professor ainda é um sonho ou torna-se pesadelo? A realidade docente, como se tem visto, em tempos pandêmicos, difíceis, de afronta, descrença do governo e desvalorização profissional, é insuperável? Ainda vamos preferir um sonho idílico, como fuga tranquila, a estarmos acordados para uma realidade não tão confortável?

2.2 Cena I, ato III – Perceber-se metamorfoseado

Nos últimos tempos, o Brasil e o Mundo buscam esforços para conter o aumento de pessoas com a covid-19. Muitas são as medidas para evitar a disseminação do vírus e uma delas é o distanciamento social. Tais medidas impactam a vida das pessoas em diversas esferas sociais e, especificamente, na educação.

Nesse contexto, a educação e as instituições de ensino se veem cercadas, por um lado, pela lógica da produção capitalista e, por outro lado, pela crise dos fundamentos referenciais no que tange à formação humana. Os sintomas do enfraquecimento da formação docente se fazem observar diante do enfrentamento da pandemia. A dispersão dos rumos de uma crise da atuação dos professores nesse tempo revela as fragilidades na (re)formulação de concepções educativas, com certa ilusão de que as “transformações” didático-pedagógicas de ensino contribuem substancialmente para o sentido de educar nesse tempo pandêmico.

Diante das múltiplas formas de obediência, irrefletidas pelas propostas virtuais e tecnológicas do processo de educar, há o despreparo das IES, que, diante do caos, promovem barbárie com repetidas atividades em número quantitativo evidente, desconsiderando os direitos humanos. Professores e gestores “saltam”, sem perceber, da plateia para o palco em uma visão teatral da obediência e, ao mesmo tempo, silenciados mediante a sustentação da farsa catastrófica de uma democracia acrílica que tenta levantar a bandeira da humanização da vida.

Consequentemente, há a banalização do conhecimento pelo conteúdo quantitativamente depositado nos estudantes para a garantia do semestre ou ano letivo, bem como o cumprimento de carga horária e do “repasso” das atividades pedagógicas como se estivessem no presencial. Por conseguinte, este ensaio é

pertinente por potencializar o pensar crítico sobre a gestação desse tempo sombrio que se propaga de maneira “violenta” e conduz os indivíduos a viver numa ilha cercada por ameaças de todos os lados, inclusive na própria ilha.

Cada vez mais fica evidente que, no que diz respeito à educação, nada mais é tão óbvio como gostaríamos. Muito embora a possibilidade de autonomização que os processos de ensino virtual permitem sejam cada vez mais abraçados ao mesmo tempo, são cada vez mais temidos e, em alguns casos, prejudiciais à saúde social.

Se, no processo corriqueiro, essas fraturas do paradigma educativo ficam escamoteadas pelas dinâmicas de funcionamento do sistema educativo, seus calendários, normativas, conteúdos curriculares, reuniões de professores, etc., mais contemporaneamente é patente a insustentabilidade desse sistema.

Então, dos dois lados podemos ver que uma mesma mentalidade permeia as relações professor-aluno. Longe de estar consciente da sua condição, ela ainda procura fortemente se reafirmar por meio dos jargões e do terrorismo pedagógico.

Quero dizer, acreditamos que, se formos capazes de nos reconhecermos uns aos outros, como um grupo ou uma comunidade, enquanto sujeitos ontológica e epistemologicamente capazes, então a força e a riqueza que podemos elaborar não têm limites (ainda que no capitalismo). Até porque não seremos capazes de superar ou suprassumir as desigualdades sociais, econômicas e políticas, partindo de uma lógica e uma racionalidade instrumental. Ou seja, se considerarmos as estruturas cristalizadas na sociedade moderna, no sistema capitalista e na sociedade burguesa como sendo a regra, nunca vamos poder realmente encarar nossa liberdade radical nem atingir nosso potencial. Nisso Adorno é melhor que muitos autores. O essencial nesse sentido para Adorno é deixar que o objeto emerja, isto é, permitir que cada singularidade possa se expressar significa deixar de considerar as normatividades como positivas ou negativas e investir a força libidinal na possibilidade de que todas coexistam. O que nos falta são as condições para trazeremos isso para o campo social, para pensarmos juntos de que modo isso pode ser feito na nossa contingência.

Então, voltando à vaca-fria, a questão não é reformar o sistema de ensino e distribuir mais da moeda do conhecimento, para que todos tenham uma renda básica universal de saberes, isso é apenas reformismo barato. Com isso, só vamos trocar seis por meia dúzia. Mas, ao contrário, devemos radicalmente colocar em questão o próprio paradigma do conhecimento que fortalece e legitima essas instituições sociais, que têm como função a reprodução do estado de coisas, embora paradoxalmente também sejam potencialmente ferramentas para a transformação social.

Num certo sentido, o que pensamos é que, dadas certas condições psicológicas, vivenciais, experienciais e pedagógicas, entre outras, talvez a gente consiga perceber certos aspectos da vida acadêmica e da vida profissional (e intelectual) que podem nos ajudar a superar uma mentalidade pouco crítica ou subserviente, até certos processos sociais que já descrevemos anteriormente. Embora o atual momento seja crítico, surgiram, além das adversidades e desafios, novos despertares para a profissão docente.

Professores do mundo todo se conectaram, apoiaram-se e compartilharam seus estudos por meio das plataformas *on-line* e eventos não presenciais. No ce-

nário universitário, as pesquisas ascenderam e possibilitaram trocas de experiências entre professores e alunos. Nas aulas remotas, o diálogo e a compreensão tomaram lugar do estranhamento, e, “[...] por meio desses programas, os estudantes e professores têm a possibilidade de se relacionarem, trocando informações e experiências, realizam trabalhos individuais e em grupos, promovem debates e fóruns, entre outras formas de tornar a aprendizagem mais significativa.” (CAMARGO; DAROS, 2018, p. 62-63).

Além disso, a união entre a classe de professores e sujeitos da área educacional foi bastante visível e passível de aplauso. O grupo interagiu constantemente, compartilhando experiências e práticas de ensino pelas redes e fóruns, para que a atividade-fim, o engajamento nas aulas e pesquisas voltadas à educação se tornassem efetivos, bem como lutou junto pelas pautas educacionais que o contexto demanda, demonstrando empatia entre si, assim como Greta sentia compaixão e empatia por seu irmão Gregor, enquanto este sofria sua metamorfose.

Assim, de certa forma, podemos pensar em elaborar outro final para nossa própria história e, diferentemente do fim trágico da metamorfose de Kafka, talvez seja possível vislumbrar as possibilidades de um futuro menos distópico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste ensaio, procuramos mostrar que o desenvolvimento da educação nesse tempo de pandemia nos trouxe angústias e dilemas na relação do ensinar e aprender. Em especial, buscamos indicar que as transformações educativas, muito embora tenham sido alvo de ataques e apesar das alternativas kafkianas apresentadas, podem sinalizar aspectos dialéticos desse impasse. O que reitera um entendimento de que a educação pode ser uma antítese social da sociedade, que auxilia na sua tomada de consciência. Sonhos e realidades nos fizeram perceber que nada está tão seguro que um dia não posso desmoronar e mostrar nossa pequenez e a necessidade de não se resignar.

Vivemos em uma sociedade cada vez mais exigente em seus construtos de relações *tecnificadas* que convocam seus membros a buscar novas maneiras de atuar em suas relações de sobrevivência. O que temos é uma formalização racional reduzida e vinculada ao poder, a dominação e a exploração, conhecidas pela sociedade no aspecto da criação/produção/representação de uma *nova barbárie social*. Se não estamos atentos a essas configurações sociais, passam despercebidas as relações alienantes e ideológicas que, mecanicamente, automatizam o sujeito como peça de uma engrenagem social, fechada em si mesma, e como consumidor dos espetáculos barbarizados.

A necessidade de uma educação crítica e reflexiva precisa ser estendida a todas as pessoas. Essa ideia de educação expõe a necessidade de decifrar as condições e os determinantes históricos que causam o modo ao qual os indivíduos estão submetidos. Por isso, o empenho aqui estava voltado, sobretudo, para a difusão de uma educação política, isto é, de uma formação conscientizadora das contradições sociais que destacam os limites da própria brasileira marcada pela racionalidade operacional do capitalismo neoliberal.

A formação não se resolve numa fórmula qualquer, mas depende da forma deliberada da relação entre os envolvidos no processo educativo, visto que não há

como desvencilhar-se da consciência verdadeira e do peso da experiência com o uso de “receituários pedagógicos” organizados por uma inflexão decisiva da educação. O que é preciso entender é que a formação implica um sentido tríplice entre o ético, o estético e o político. A educação é a relação com o outro, se não for, cairá no solipsismo, pelo qual problemas são resolvidos antes mesmo de surgirem. Respostas são dadas a perguntas que não mais são feitas. E perguntas ficam sem respostas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CAMARGO, F.; DAROS, T. *A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo*. Porto Alegre: Penso, 2018.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KAFKA, Franz. *Metamorfose*. Tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 96p.
- MASETTO, M. T. (org.). *Docência na universidade*. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2014.
- DE SOUSA SANTOS, Boaventura. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ZIZEK, Slavoj; BETTONI, Rogério. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Recebido em: 22 jul. 2021.

Aceito em: 8 nov. 2021.